

## Valdebran confirma: Vedoin vendeu dossiã a direto ao PT

Quem contratou o empresário Valdebran Carlos Padilha para vender ao PT o dossiã que comprometeria Josã Serra com o esquema dos sanguessugas foi o prãprio Luiz Antonio Vedoin. A informaãõ consta da defesa que o empresário apresentou ao Tribunal Superior Eleitoral, nesta sexta-feira (13/10).

Segundo Valdebran, Vedoin negociou a venda com exclusividade dos documentos diretamente com membros do partido. Em seu depoimento ele revela apenas os nomes dos petistas Expedito Velloso, ex-diretor do Banco do Brasil, o ex-sindicalista Oswaldo Bargas e de “Jorge”, que seria Jorge Lorenzetti, amigo e churrasqueiro do presidente Luiz Inãcio Lula da Silva.

No ãltimo dia 19 de setembro, o corregedor-geral eleitoral, ministro Cesar Asfor Rocha, determinou a abertura de Investigaãõ Judicial Eleitoral contra o presidente Luiz Inãcio Lula da Silva, o ministro da Justiã Mãrcio Thomaz Bastos e mais quatro acusados de montar e negociar o dossiã.

Valdebran Padilha foi preso em flagrante pela Polãcia Federal no dia 15 de setembro, na companhia do advogado e ex-agente da Polãcia Federal Gedimar Pereira Passos, na posse de US\$ 248,8 mil e R\$ 1,168 milãõ, destinados ao pagamento de filme e fotos que comprovariam o envolvimento de Josã Serra, entãõ candidato ao governo de Sãõ Paulo, com a mãfia das sanguessugas.

Em sua defesa, Valdebran argumenta que sua tarefa era apenas a de acompanhar a entrega de documentos e certificar-se da existãncia do dinheiroã para pagamento do material.

Salienta que embora filiado ao PT, nunca participou da campanha federal; nãõ conhecia anteriormente as lideranãas do partido; nãõ tem conhecimento acerca da origem do dinheiro apreendido, nãõ sabendo dizer se de origem lãcita ou ilãcita; e que nãõ seria pago, nem beneficiado pela participaãõ na operaãõ.

Segundo ele, Luiz Antãnio Vedoin e Darci Vedoin, teriam negociado com membros do Partido dos Trabalhadores (PT) a exclusividade de veiculaãõ de imagens e documentos em que o entãõ candidato Josã Serra, quando era ministro da Saãde, aparecia entregando ambulãncias em festejos no estado do Mato Grosso na presenãa de polãticos envolvidos no escãndalo das sanguessugas. Os Vedoin, filho e pai, sãõ os donos da Planam, empresa que vendia empresas superfaturadas ao setor pãblico e subornavam deputados para obter a liberaãõ de emendas orãamentãrias.

Ele revela que ã foi procurado por Luiz Antãnio Vedoin, que o informou que pessoas ligadas ao PT o procurariam para tratar de ajuda econãmica e jurãdica a serem prestadas ã famãlia Vedoin, que enfrentava dificuldades financeiras ante o bloqueio dos bens da Planam.

Narra que no inãcio dos contatos, a primeira premissa era a de que todo e qualquer documento apresentado ao PT deveria ser ã primeiramente protocolado na Justiã Federalã, sob pena de revogaãõ do benefãcio de delaãõ premiada de Luiz Antãnio Vedoin.



Afirma que o valor combinado de R\$ 2 milhões seriam entregues pelos interlocutores do PT a uma terceira pessoa indicada pelos Vedoin. A ele caberia somente verificar se Gedimar Pereira Passos teria o número que havia combinado com os Vedoin para receber o material privilegiado.

Relata que, com o fim de apenas acompanhar a negociação, chegou a participar de reuniões, em Cuiabá e em Brasília, com Gedimar Pereira Passos, Exedito Afonso Veloso e Darci Vedoin.

Nesta passagem da defesa, afirma que não conhecia Exedito Veloso, nem Gedimar Passos. Para Valdebran, Exedito era um membro do Partido dos Trabalhadores com a mesma expressão que a sua, isto é, modesta, narra a defesa.

No dia 12 de setembro, em Cuiabá, recebeu ligação telefônica informando que Exedito Veloso se encontrava na cidade com Osvaldo Bargas, para reunião com os Vedoin, a fim de examinarem o material.

Já em São Paulo, ao encontrar Gedimar, Valdebran relata que este teria lhe informado que ainda não portava qualquer número. Assim, relata que no dia seguinte foi colocado em contato telefônico com a pessoa de Jorge, que o incentivou a permanecer mais um dia na capital paulista, pois o número estava a caminho, convencendo-o a ficar na posse de R\$ 1 milhão que já haviam sido entregues a Gedimar, como garantia de que tudo iria acontecer rapidamente. Após telefonema dos Vedoin, foi-lhe pedido que esperasse no hotel até o dia seguinte, quando acabou por ser preso no Hotel Ábis. Jorge seria Jorge Lorenzetti, o churrasqueiro e amigo do presidente e o cérebro da operação.

**Autores:** Redação Conjur